

Sany Pitbull cria
ópera samba-funk
para seriado

PÁGINA 4



Uma Comédia que
expõe os fracassos
da vida real

PÁGINA 6



Performance
mostra contradições
do mundo das artes

PÁGINA 8



2º CADERNO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Águas muito distintas rolam pela exposição multimídia que a Cinémathèque Française dedicou a um dos mais rentáveis cineastas autorais na atividade nos anos 1980 até hoje: o canadense James Francis Cameron, que completa 70 anos em agosto. A presença de “Titanic” em sua obra já seria uma justificativa para muita referência a H2O, mas é a luta ecológica do cineasta em prol dos oceanos o que mais pesa nas referências hídricas que tomam conta da instituição parisiense.

Algumas salas olham para o amanhã, e de forma distópica, como se vê no espaço dedicado à franquia “Exterminador do Futuro” (1984), que comemora 40 anos em 2024. Abertas até 5 de janeiro, as salas decoradas em referência a seu legado foram divididas em seis temas principais, com base nos elementos centrais de seu trabalho nas telas: “Sonhando com os olhos bem abertos”; “A máquina humana”; “Explorando o desconhecido”; “Titanic: De volta no tempo”; “Criaturas: Humanos e alienígenas”; e “Mundos indomáveis”. As duas últimas alas dessa biografia através da arte fazem explícita referência ao projeto “Avatar”. É possível conferi-lo no Disney+.

Ganhador do Oscar de Melhores Efeitos Visuais, “Avatar 2: O Caminho da Água” fez jus aos feitos de seu antecessor, que custou cerca de US\$ 350 milhões e faturou US\$ 2,3 bilhões. O original, de 2009, arrecadou US\$ 2,9 bilhões disparando como a maior bilheteria mundial da História. Some a seu rol de vitórias 89 prêmios, entre os quais os Oscars de Melhor Fotografia e de Melhor Direção de Arte. Venceu também na já citada frente dos Efeitos Visuais.

Sua continuação explora a Lua de Pandora e seu povo, a civilização Na’vi, a partir do que passa dez anos depois do longa anterior, trazendo de volta (dos mortos) o militar assassino Quaritch (Stephen Lang), a fim de eliminar a família Sully, formada pelo ex-humano (sim, ele troca seu corpo terráqueo para virar um na’vi) Jake (Sam Worthington), sua companheira, Neytiri (Zoe Saldana), e seus filhos. É uma saga que terá múltiplas continuações a julgar pelo gênio por trás de sua trama. **Continua na página seguinte**



Divulgação

Ala da
exposição
dedicada
ao longa ‘O
Exterminador
do Futuro’

Nas profundezas de **James Cameron**

Exposição com direito a retrospectiva na Cinémathèque Française passa em revista quatro décadas de sucesso do pai do Exterminador do Futuro e realizador dos sucessos ‘Titanic’ e ‘Avatar’



Divulgação

James
Cameron
no set de
filmagens de
‘Avatar’

Um realizador que ‘bagunçou’ as normas de Hollywood

Tudo o que James Cameron filma bagunça as normas de Hollywood e altera a nossa percepção estética acerca do uso da tecnologia em prol da imagem - na ficção e no documentário. Desde sua estreia na profissão, com o curta “Xenogenesis”, ele filmou apenas 12 longas. Relativize esse “apenas” ao incluir o já citado “Titanic” (ganhador de 11 Oscars em 1998), com sua bilheteria de US\$ 2,2 bilhões entre seus feitos. Todas essas criações estão em cartaz na grade da Cinémathèque, numa retrospectiva que releva as dimensões filosóficas de seu cinema.

“No revisionismo histórico de seus filmes, cineastas sempre encontrarão erros, mas tenho orgulho das histórias que contei. O que me move a filmar é poder garantir ao espectador uma experiência sensorial nova”, disse Cameron em meio à produção do novo “Avatar”, no fim da Berlinale de 2017, quando apresentou uma versão digitalmente recauchutada do cultuado “O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final” (1991), via Facetime ao vivo com a plateia, na telona do espaço.

Sinônimo de milhões e também de projetos engajados em causas ambientais, Cameron esteve no Brasil em 2010, visitando Belo Monte, no Pará, para estudar os riscos de sua usina hidrelétrica para o ecossistema. “Avatar” foi idealizado por ele para um tratado de preservação da Terra, a partir do cuidado com a Natureza. Ele traz uma reflexão sobre o futuro do mundo desde que estreou o primeiro “Exterminador...”, em 1984, em forma de distopia apocalíptica. Em sua confecção, ele acreditou que um halterofilista conhecido nas telas por interpretar o herói de pulps Conan, o Bárbaro, pudesse virar um dos mais icônicos perso-



Divulgação



Divulgação



Divulgação

James Cameron orienta Leonardo Di Caprio e Kate Winslet no set de ‘Titanic’

A exposição dedicada à obra de James Cameron tem uma ala dedicada ao multipremiado ‘Titanic’

James Cameron e Linda Hamilton no set de filmagens de ‘O Exterminador do Futuro’

nagens do cinema de gênero pop. Foi ideia dele e de sua parceria, a produtora Gale Anne Hurd, convocar o ator austríaco naturalizado americano Arnold Schwarzenegger para encarnar o androide egresso do Amanhã. Deu certo. “Ali, emplacamos um filme de baixo orçamento, que aconteceu moderadamente, mas fez um boca a boca pela originalidade, abrindo

o espaço para uma sequência na qual eu pude ousar mais”, disse Cameron ao Correio da Manhã, em Berlim, lembrando que voltou a filmar com o amigo da Áustria em “True Lies”, sucesso de 1994 que comemora 30 anos e deve ser relançado nas telonas no segundo semestre.

Schwarzenegger chegou a ser cotado para viver o Dr. Octopus na

versão nunca filmada de “Homem-Aranha” que Cameron idealizou em 1992. Falava-se de Leonardo DiCaprio para o papel de Peter Parker e até do hoje sumido Edward Furlong, que viveu John Connor em “O Exterminador 2”. Mas esse projeto nunca saiu. Cameron deixou “True Lies” diretamente pra filmar “Titanic”, cujo atraso na produção fez com que ele abrisse

mão de seu cachê como diretor para compensar o estúdio pelos problemas que trouxe. Na época, ele, polemista, deu uma declaração dizendo que jamais emprestaria seu nome a um filme da cinessérie 007, por considerar James Bond machista. “Ele trata as mulheres como objetos”, disse o cineasta, que é casado desde 2000 com a atriz Suzy Amis.

Conhecido por seu perfeccionismo, sendo capaz de rodar uma só cena dezenas de vezes, Cameron fez atores de prestígio, com fama de serem durões, sofrerem, como Ed Harris, o astro de um de seus mais cultuados longas: “O Segredo do Abismo” (1989). Essa produção custou caríssimo pra época (US\$ 70 milhões) e rendeu beeeem menos do que poderia (US\$ 90 milhões), mas ganhou o Oscar de efeitos visuais e virou objeto de idolatria em seu gênero. Não por acaso, foi relançado em HD, em 2023. É uma sci-fi sobre vida alienígena no fundo do mar, arena dramatúrgica que é um xodó do cineasta, por conta de seu investimento na ecologia. Essa ficção científica com Harris veio na esteira de um de seus maiores sucessos: “Aliens, o Resgate” (1986), hoje na grade da já citada Disney+.

Há quem defenda que ele superou o “Alien” original, de Ridley Scott, lançado em 1979. Há quem diga o mesmo do roteiro de “Rambo II: A Missão” (1985), que ele escreveu para um Sylvester Stallone no auge da forma. Seu faturamento foi de US\$ 300 milhões. Além de ter lucrado uma baba, o longa estabeleceu nos parâmetros para o cinema de ação. Algo que Cameron voltou a esmerilhar com “True Lies”. Estima-se que, os dois novos episódios da saga “Avatar”, previstos para 2025 e 2027, podem superar vários parâmetros narrativos das telas.

CRÍTICA / FILME / TWISTERS

Divulgação

Pedro Strazza (Folhapress)

Um erro recorrente na atual onda de remakes e reboots de Hollywood é o da insistência em reproduzir o original no novo filme. “Twisters”, a continuação do “Twister” de 1996, brinca com essa armadilha logo no início, com um grupo novo de estudantes atrás de tornados.

De repente, um dos instrumentos meteorológicos do primeiro capítulo surge na picape dirigida por eles, como se preservado pela força da nostalgia.

A expectativa aí é que a sequência, a exemplo do sétimo “Star Wars”, use o aparelho para inundar a tela de elementos, falas e personagens do antecessor. Mas o brinqueado, batizado de Dorothy, se perde em um rastro de destruição de um tornado que atinge os jovens. Nesse momento, o filme parece avisar o público de que o que vem a seguir está longe de um repeteco.

O que é uma bela mentira, em tempo, mas que pega bem para a produção --até porque a piada diverte pela sutileza. No fundo, o longa de Lee Isaac Chung segue passos parecidos com os da trama dos anos 1990, do diretor Jan de Bont.

Mas a continuação cria vantagens dentro desse cercadinho. Primeiro porque as mudanças de rumo são suficientes para deixar a trama imprevisível. Com o público, a continuação acompanha o ritmo de seus tornados, que estão sempre confundindo os protagonistas sobre a sua escala.

Um bom exemplo está na nova protagonista, Kate, vivida por Daisy Edgar-Jones. Como o personagem de Bill Paxton no original, ela volta ao corredor dos tornados americano depois de jurar uma aposentadoria precoce.

O estado do Oklahoma também mudou desde 1994, com um avanço nítido do aquecimento global. Um amigo de Kate, que a convence a voltar à região,



O longa de Lee Isaac Chung segue passos parecidos com os da trama dos anos 1990, do diretor Jan de Bont

Um bom produto de sua época

chega a dizer que financiou a sua pesquisa do fenômeno graças à preocupação das empresas.

Para piorar, o campo da ciência do clima está dizimado. Além da iniciativa privada, que tem seus interesses escusos, Kate descobre o avanço das redes sociais na caçada. Ela encontra um grupo de YouTubers, apelidados de

domadores de tornados, que vão atrás dos temporais pela adrenalina e pela audiência.

Assim, temos de novo dois grupos perseguindo as mesmas nuvens negras no interior americano. Apesar das reviravoltas, “Twisters” diverte nessas coincidências, ainda mais quando encontra a ação frenética de ir atrás e, depois,

fugir de um tornado. Nesse ponto, Lee Isaac Chung não é Jan de Bont, mestre holandês da fotografia que tinha um prazer pela alta velocidade. Mas o diretor americano usa com sabedoria a câmera na mão para se aproximar da destruição, fazendo bom uso do suspense onde é possível.

Além da ação, “Twisters”

tem à mão um elenco recheado de novos talentos, em uma versão anabolizada do original. Vira uma sessão de batismo de jovens astros, de Glen Powell --de “Assassino por Acaso”-- a David Corenswet --o novo Super-Homem--, que faz uma ótima imitação de Cary Elwes. Reiteraões como essa reforçam o filme como experimento controlado de sua produtora, a Amblin, de Steven Spielberg. Mesmo quando a continuação acerta, ela atende mais a demandas do que a boas ideias.

Lee Isaac Chung aspira a Spielberg antes de Jan de Bont em seus impulsos artísticos. Tudo isso ajuda a reforçar a grande influência do diretor de “Jurassic Park”, mas deixa “Twisters” um tanto limitado. O filme é o bom aluno e, de novo, um produto da época.

CORREIO CULTURAL



Reprodução

Gustavo Kuerten, o mais vitorioso tenista brasileiro

Guga Kuerten será tema de série documental da Disney+

O ex-tenista Gustavo Kuerten, o Guga, vai ganhar uma série especial no Disney+, cuja estreia deverá acontecer em setembro. Segundo a plataforma, o projeto documental “Guga por Kuerten”, tem como intuito apresentar a história de vida de um dos maiores jogadores de tênis do Brasil. A obra vai abordar desde os

primeiros passos nas quadras de Santa Catarina até a emblemática conquista do tricampeonato de Roland Garros (1997, 2000 e 2001), um dos torneios mais importantes do circuito. A série contará com relatos inéditos sobre as motivações na juventude, a influência da família na carreira e seus momentos mais decisivos.

Testes

Três atores disputam o papel de Ivan no remake da novela “Vale Tudo” (Globo): Thiago Lacerda, Daniel de Oliveira e Renato Góes. Lacerda e Góes já teriam gravado seus testes, com a participação de Taís Araújo, escolhida para ser a protagonista Raquel.

Recurso

Matthew Hutchins, viúvo da diretora de fotografia Halyna Hutchins, deve recorrer da decisão que anulou o julgamento de Alec Baldwin por homicídio culposo durante ensaio do filme “Rust” quando um disparo de revólver matou Halyna.

Crise nervosa

Michelle Barros lembrou sua saída da Globo e explicou que tomou a decisão de deixar a emissora por se sentir sem espaço para crescimento profissional. A apresentadora disse que há alguns anos estava cansada e chegava a ter crise nervosa.

Recurso II

Na última sexta-feira (12), a Justiça americana anulou o julgamento do ator argumentando ocultação de provas. A defesa do ator apresentou moção para solicitar a anulação sob o argumento de que as autoridades ocultaram evidências do caso.

Sany Pitbull assina a excelente trilha sonora da série ‘O Jogo que Mudou a História’, que transporta o ouvinte a sonoridades cariocas dos anos 1970

Por Affonso Nunes

Acaba de chegar as plataformas digitais a trilha sonora da série “O Jogo que Mudou a História”. O álbum promete (e cumpre com muitos méritos) transportar os ouvintes para uma viagem musical aos anos 1970, época retratada na citada produção da Globoplay.

“Já fiz muitos projetos bacanas, mas esse tem um carinho muito especial. Minha fonte de criação sempre foi a minha vivência. Todo ser humano é um HD de experiências, e na hora de criar, eu busco em tudo aquilo que já vivi e escutei”, diz o produtor Sany Pitbull, também autor da trilha da série “Arcanjo Renegado” (Globoplay), referindo-se à felicíssima mistura de soul, funk e samba do novo trabalho.

Capitaneado pela envolvente faixa “Pelada”, um partido alta de responsa, o álbum exala brasilidade e alegria, o espírito carioca.

“Não Tenho Nada”, interpretada pela talentosa Thalya, destaca-se pela originalidade e profundidade emocional. Thalya, descoberta cantando nos trens e metrô do Rio, já colaborou anteriormente na trilha de “Divisão 3” e demarca seu território na trilha da série com sua voz marcante.

Apesar de muitas cenas de violência extrema, “O Jogo que Mudou a História” tem uma carga nostálgica e afetiva imensa, especialmente porque traz muitas lembranças da infância e adolescência de Sany e de José Júnior, diretor

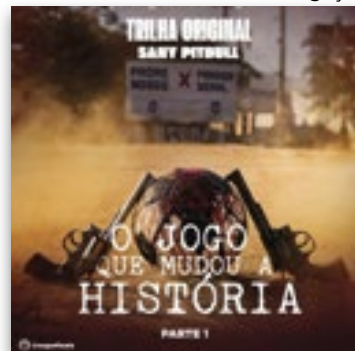
Uma ópera **samba-funk** suburbana

Divulgação



Assinada por Sany Pitbull, a trilha sonora da série ‘O Jogo Que Mudou a História’ mistura samba, soul musica e funk carioca com maestria

Divulgação



do Afroreggae e seu parceiro no projeto. O processo de criação da trilha envolveu muitas trocas de experiências e descobertas de que ambos, apesar de serem de bairros diferentes, compartilharam os mesmos gostos musicais e frequentaram os mesmos bailes durante a juventude.

“Eu brinco com meus amigos que a trilha sonora dessa série é uma verdadeira ópera funk suburbana. Ela combina elementos de soul e músicas de tensão, utilizando violinos e violoncelos misturados com instrumentos de samba, tocados de

forma única”, explica Sany.

O lançamento da trilha sonora pela Crespo Music, selo musical criado pelo Grupo Cultural Afro-Reggae, reflete o compromisso com a inclusão e oportunidades para jovens talentos de favelas e áreas periféricas, uma prática constante na carreira do produtor. “Estamos comprometidos em promover a diversidade na indústria criativa, especialmente no setor musical, que está cada vez mais aberto a novos talentos, mas ainda apresenta muitos desafios para que esses artistas alcancem o sucesso”, diz Danilo Costa, Diretor Executivo da ONG.

Este primeiro álbum conta com 50 faixas das 119 criadas exclusivamente para a série. Um segundo álbum está previsto para ser lançado em breve, ampliando a experiência musical oferecida pela série dirigida por Heitor Dhália, Matias Mariani e Claudio Borrelli a partir de argumento de José Júnior que aborda de forma realista e impactante as origens do tráfico de drogas no Rio de Janeiro a partir de uma sangrenta partida de futebol entre duas facções criminosas.

Pílulas acústicas redesenham novo álbum

Novo projeto de Bryan Behr cria novas versões para as faixas do recém-lançado álbum 'Dejavu'

Após lançamento do seu quinto álbum da carreira, "Dejavu", o cantor e compositor Brian Behr acaba de disponibilizar nas plataformas digitais seu novo projeto acústico que, ao longo das próximas semanas, apresentará oito clipes com versões inéditas das canções do álbum.

Para dar largada a esse projeto, os primeiros videoclipes apresentados serão as versões acústicas das faixas "Azul" e "Beijos de Artificio", já disponíveis no canal do

artista no YouTube.

Com a propostas de apresentar o repertório do álbum de uma forma mais íntima e sensível, o artista catarinense pretende lançar, a cada 14 dias, dois novos clipes em versão acústica, dando ainda mais foco para a letra e história dessas músicas.

"Os vídeos foram criados e produzidos exclusivamente para exaltar ainda mais as canções, que foram rearranjadas para esse formato", explica Behr.

Tendo a colaboração do pro-



Entusiasta das versões acústicas, Bryan Behr pretende relançar todas as faixas de seu álbum mais recente nesse formato

dutor e também amigo Davi Caraturani, o projeto acústico foi pensado para aproximar ainda mais os fãs dessa nova fase pessoal e profissional do artista e apresentar o público com um formato de canções de sucesso que já fazem parte

de sua carreira que teve início em 2016 quando, após passar por um momento de depressão, foi incentivado pelo cantor a publicar suas canções, algumas compistas desde que tinha 14 anos, na internet as suas canções.

Dois anos depois, Behr lançou o EP acústico "Da Cor do Girassol", que acabou chamando a atenção da Universal Music Brasil com quem assinou contrato para produzir seus próximos trabalhos.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

No bonde do dogão

Banda que mistura rock, rap, funk carioca e reggae, a Comunidade Nin-Jitsu nasceu nos anos 1990, no auge da mistura de estilos que muitos chamam de crossover. Desde o início foi apadrinhada pelos Raimundos e Charlie Brown Jr, para quem abriam shows com frequência. Assumidamente fãs de Faith No More, os músicos do quarteto gaúcho homenageiam a banda de Mike Patton no single "Bonde do Cachorro Quente 02", faixa em que misturam com a pegada phonk atual nos arranjos e uma letra divertida com um refrão chiclete.

Jéssica Porto/Divulgação



Divulgação



Versão do autor

Às vésperas de um marco significativo em sua carreira, Filipe Duarte lança o single, "Até Ver Você", canção que integra o repertório do seu novo projeto solo chamado "Casa do Balanço", que tem lançamento pelo selo Rooftop. "Até Ver Você" é uma das minhas canções mais gravadas e tocadas na noite por outros artistas e bandas de pagode até hoje, porém nunca foi um single propriamente dito. Estou feliz em poder tê-la encabeçando meu projeto 'Casa do Balanço' nos streamings. Será um primeiro passo muito importante na apresentação do que vem por aí", comenta.

Divulgação



Olhando pra frente

Cantor, compositor, ator, apresentador e criador de conteúdo digital, paulistano, preto e LGBTQIAP+, Martte lança o single "Bota a Cara" que tem como mensagem central a força e o empoderamento. A canção que tem como ponto de partida o olhar para frente, sem esquecer suas origens, carrega o DNA da nova fase do artista. "Espero que essa música inspire e encoraje as pessoas a irem em busca dos seus sonhos, e a não aceitar menos do que merecem, a letra pode ser um mantra para momentos desafiadores, e as batidas inspiram movimento, seja na dança ou na vida", diz o artista.

Paulo-Roberto Andel

Ifood e biscoitos recheados

Às vezes peço comida pelo aplicativo. Em mais de mil pedidos, a rigor só tive dois problemas: um rapaz negacionista em plena pandemia que veio me entregar cinco pedidos sem máscara, e outro que abriu a minha comida para ver algo indevidamente, então cancelei o pedido. Dois por mil são 0,2%. O resto tem sido de uma tranquilidade enorme. É muita coisa positiva num país onde pessoas matam por causa de um simples esbarrão.

Sempre que posso, dou gorjeta. Eu também sou pobre, mas meus trabalhos são infinitamente mais confortáveis do que o dos entregadores. Em geral eles estão sempre com o semblante de cansaço, que é inevitável. A maioria é magrinha. Fico pensando nos trabalhadores esfomeados carregando tudo que não podem comer. Isso me dói. E se eu não pedir, eles não recebem nada. O sistema é de uma crueldade afiada.

Já reparou os perfis das pessoas que entregam pelo Ifood? Tanta gente honesta, na batalha por uma migalha feito eu. Às vezes a gente acha - com razão - que a humanidade está perdida, que todos são ruins e cruéis, mas ainda tem gente com bondade no coração. Talvez seja pouco para mudar o mundo, mas nos ajuda a ter sentimentos melhores. “Meu sonho é ajudar minha família”, “Um dia eu vou ter uma casinha pra mim”, “Meu filho é meu mundo”. São essas e muitas outras frases com o melhor da essência humana. O amor, a fraternidade, o bem querer que não estão em cardápios sofisticados, nos carros luxuosos ou nas riquíssimas coberturas, mas em perfis anônimos de gente que dá duro para sobreviver e fazer com que os seus sobrevivam.

Todo dia tem alguém falando mal do biscoito recheado na TV. É um alimento maldito, que faz

mal à saúde, que cria uma legião de obesos - o pessoal jura que se preocupa com a qualidade de vida da rapaziada, mas tem uma cara de gordofobia... -, um inferno. Ok, faz mal, é um alimento multiprocessado (como tantos outros) etc.

Bom, acontece o seguinte: o Brasil é um país onde você tem como uma das únicas diversões a TV. A maior parte da população é muito pobre, e passa os dias vendo o massacre do biscoito recheado. Essa mesma população muitas vezes trabalha longe de casa, leva horas no trânsito, ganha mal, trabalha em condições precárias e, por fim, dificilmente tem um almoço que atenda suas necessidades. O que o pessoal acaba fazendo? Lanchando no fim do expediente, entre a saída do trampo e a chegada ao ponto de ônibus ou estação de trem. Lanchando biscoito recheado.

A mesma televisão que massacra, com relativa justiça, o biscoito recheado faz a digna ode a frutas e legumes, muito mais saudáveis (não pensemos nos agrotóxicos) e convidativas. Com as frutas, todos seremos esbeltos, acabará a maldita gordura per capita do brasileiro e a felicidade será abundante.

O problema é que aquele mesmo trabalhador oprimido, que vê seu almoço ser esculachado na TV diariamente, e come biscoito recheado porque não tem alternativa, vê as lindas frutas mas constata que seu minúsculo salário não lhe permite comprá-las, porque qualquer lote ou meia dúzia de peças custa o dobro ou o triplo do biscoito recheado.

Pobre de quem não trair o biscoito recheado: será um relapso, um gordo sem força de vontade, jamais como uma vítima desse sistema que só serve para humilhar, massacrar e frustrar.



Lucas Figueiredo encarna o personagem-título, alguém que não se furta em expor seus fracassos pessoais ao ministrar uma palestra motivacional

Venturas e desventuras de um coach de fracassos

Comédia ‘Benvindo - Lições de um Sujeito Ordinário’ explora as contradições entre a idealização do mundo e a vida real

Um arquivista pouco sociável, por uma armadilha do destino, se vê na obrigação de substituir um famoso coach em uma palestra motivacional. Esta é a comédia “Benvindo - Lições de um Sujeito Ordinário”, com direção de Lauro Senna, está em cartaz no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema. O personagem-título é interpretado pelo ator Lucas Figueiredo, que também assina o texto ao lado de Daniel de Mello.

A sinceridade e o humor ácido de Benvindo são tudo o que não se espera de um profissional especiali-

zado em autoajuda. Mas o seu carisma às avessas e suas desventuras acabam surpreendendo e cativando o público que estaria à espera do palestrante.

A peça levanta questões relacionadas ao paradoxo entre a vida real, repleta de adversidades e imprevistos, e a vida perfeita e editada exposta nas redes sociais.

As fórmulas de felicidade, sucesso, produtividade e enriquecimento que seriam “vendidas” pelo influencer milionário são substituídas pelos contundentes depoimentos pessoais de Benvindo. Ele é um sujeito que, ao longo da vida, cole-

cionou fracassos no amor, problemas na família, crises no trabalho e os descreve ao público sem nenhum pudor ou constrangimento.

Elaborado durante a pandemia, o texto foi pensado para, segundo seus autores, suavizar a angústia daquele período. Benvindo é um personagem criado, sobretudo, para fazer rir. “Todos nós passamos por situações difíceis, tensas ou ridículas ao longo da vida. Faz parte do percurso. Benvindo, diante do público, celebra as próprias idiossincrasias e asperezas, numa espécie de redenção. O humor faz muito bem e, para mim, sempre foi revolucionário,” comenta Lucas Figueiredo.

A peça explora o choque bem-humorado entre a idealização e a padronização do mundo contemporâneo e o seu descompasso com a vida real. E não seríamos todos um pouco Benvindo em algum momento da nossa vida cotidiana e ordinária?

SERVIÇO

BENVINDO - LIÇÕES DE UM SUJEITO ORDINÁRIO
Teatro Cândido Mendes
(Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema)
Até 26/7, às sextas (20h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Com certeza, várias casas portuguesas

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Portugal, para mim, não é um retrato na parede, como Itabira era para o poeta. Portugal, para mim, são os bolinhos de bacalhau da Dinda Maria, que era a Dinda da minha dinda. Era sentar no fim de verão, na volta de Itacuruçá, e comer no Adegão Portugal. Na minha primeira comida lá, foi um empanturrar de frango o molho pardo com agrião e as quatro sobremesas de ovos. Portugal foi o primeiro réveillon com a minha neta de um ano dançando na Serra da Estrela. É esse Portugal afetivo, farto, delicioso que o Farrapos nos traz com o seu festival de comidas portuguesas.

São três cardápios diferentes com harmonização. Mas que como sou ansiosa, fui no primeiro dia, porque adoro bochecha de porco, coisa raríssima por aqui. Chegar no Farrapos é encontrar um barão do serviço e do salão, que nos serviu de forma principesca, Emanuel. O chef Pedro Freitas, nativo de

CRÍTICA / RESTAURANTE / FARRAPOS



Fabio Rossi/Divulgação

O Bacalhau à Lagareiro está no menu temático da região do Dão durante o festival

boa cepa, capaz de misturar sabores, misturar carnes, legumes, vermelho, com inovação e criatividade, mantendo a tradição.

Comemos o menu alentejano. Começa com Açorda de Bacalhau harmonizada com Audaz Branco; para principal, Bochecha de Porco com Migas Alentejanas e Lenda D. Maria Tinto para acompanhar. De sobremesa, Pudim de Moscatel e Laranja. A açorda com muuuuuuito bacalhau, cremosa a base do pão, que dissemos que é um vatapá superior. A bochecha macia, com o molho temperado e consistente, acompanhado de migas, que o miolo de pão temperadinho. Só discordamos no pudim de damasco. Teresa, neta de português e doceira das melhores achou perfeito sem furinhos. Já o chef prefere com furinhos. É o mundo da oposição.

O clima do lugar, pequeno e aconchegante, com uma acertada escolha de vinhos, nos faz pensar que iremos aos outros menus: dia 17, dias 16 a 18, o menu são os minhotos (caldo verde, arroz de polvo e barriga de feira); e de 23 a 25 de julho, o menu do Douro (Croquetes de Alheira com Aioli de Coentro, Francesinha e Toucinho do Céu. De 30 a 1º de agosto. É a vez do Dão com bolinhos de bacalhau recheados com Serra da Estrela, Bacalhau a Lagareiro e Queijadinha. Dificil escolha, oh, pá!

SERVIÇO

FARRAPOS

Rua Anita Garibaldi, 83C – Copacabana

De terça a sábado (12h à 0h) | Domingos (12h às 18h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Novo cardápio no Gioia

O Gioia Cucina Italiana, na ilha da Gigoia, estreia novo cardápio sob a batuta Chef André Lodi. Com apenas 22 anos, o Chef traz uma nova perspectiva com ingredientes frescos e os frutos do mar, sua especialidade, como a tapa de camarões grelhados com molho de tomate da casa e parmesão, o tartar de tomate com balsâmico de figos e burrata gratinada. A caipirinha da casa, com uvas pretas, limão siciliano e manjeriço, e o gim com hibisco e erva-cidreira é uma boa novidade. Experimente a torta de chocolate amargo com caramelo de missô e flor de sal.

Divulgação



Divulgação



Buffet peruano

Em comemoração à Independência do Peru, dia 28 de julho, o criativo chef peruano Marco Espinoza oferece aos domingos de julho, das 11h30h às 17h, no Lima Cocina Peruana (Botafogo e BarraShopping), uma ótima seleção de quentes e frios, tradicionais de seus país. Estão lá butifarras, ceviche clássico, tiradito de salmão, solterito de quinoa, papas à la Huancaína, causa limeña, bruschettas de polvo e choritos à la chalaca (mexilhão). Para beber, a tradicional Inca Kola e, para a sobremesa cupuaçu cremoso com os suspiros limeño e encanelado.

Leti?cia Dias/Divulgação



Festejos imortais

O bacanérismo Os Imortais trouxe de volta a sua Festa Julina com menu caipira diferenciado. Bolinho de abóbora com carne seca, vaca atolada e o corn dog com salsichão. O caldinho de feijão (bombom e bombonzinho), servido com queijo e bacon. No lugar do quentão, está o Mojitão, um super Mojito servido em uma jarra de 2 litros para compartilhar e a batida de paçoca que, de tão boa, virou um clássico. Do cardápio, opções de bolinhos de arroz ou feijão, coxinha e porções para compartilhar, como a pipoca de quiabo (pedacinhos de quiabo empanados).

É uma exposição? É uma instalação? É uma performance? É “Amador e Jr Segurança Patrimonial Ltda, nem profissional, nem sênior”, uma mistura de tudo isso com pitadas de humor e crítica. Antonio Gonzaga Amador e Jandir Jr são os artistas que mergulharam nessa empreitada divertida e instigante, aberta ao público na sala 2 da Casa França-Brasil. Todo fim de semana, haverá um programa de performances.

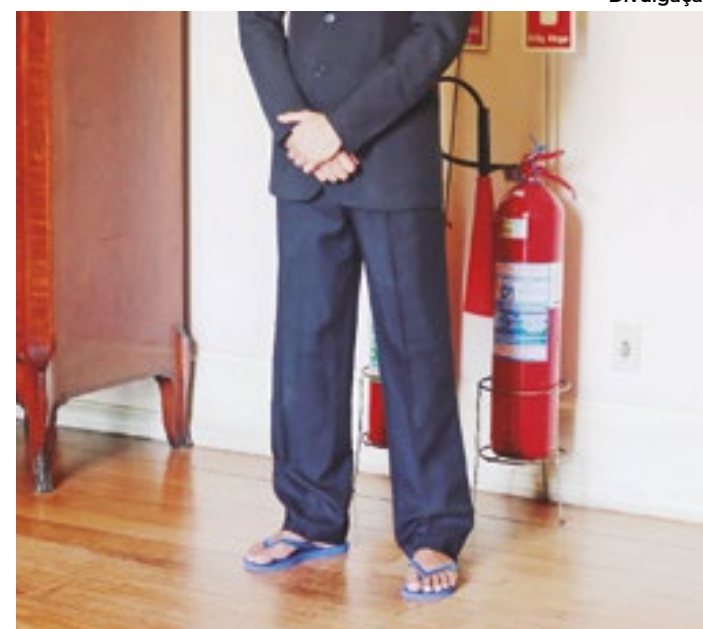
Esta é a primeira exposição da dupla Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda. no Rio. Antonio e Jandir interpretam a dupla de vigias fictícios que fazem as maiores peripécias para garantir a segurança das exposições de arte em museus e instituições culturais, com o intuito de questionar o tão restrito e contraditório sistema da arte contemporânea.

A Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda. apresenta séries de propostas performáticas concebidas pela dupla é realizada em instituições de arte pelos próprios artistas trajados com uniformes de segurança, tendo seus problemas centrais advindos das relações entre instituições como essas e as pessoas que trabalham cotidianamente em suas salvaguardas.

Nascidos e criados respectivamente nos bairros de Brás de Pina e Penha Circular, no subúrbio da Leopoldina, Antônio e Jandir trazem o repertório de quem conhece bem as periferias para utilizar seus elementos em suas performances. Dois bons exemplos são os trabalhos “A rigor”, em que realizam as rondas no museu usando sandálias e “Isopor”, quando no, meio do expediente, abrem uma gelada e sentam na cadeira de praia com um cooler ao lado. Assim, vão construindo uma narrativa em torno de questões que evocam o trabalho precarizado no tão abastado sistema da arte, a relação do artista com os funcionários do museu e o papel da instituição no campo da arte.

“A ideia para esse trabalho surgiu da nossa experiência como monitores -educadores em museu, onde dividíamos espaço com profissionais de segurança. Notamos que tínhamos muitas semelhanças com eles: a negritude, os problemas com transporte público, as referências culturais... Mesmo trabalhando como educadores, nos vimos em posições de trabalhos racializados: pessoas negras, pobres, fazendo segurança do patrimônio dos outros... Então, esse cenário acabou nos inspirando”, explica Jandir.

Com curadoria de Carolina Rodrigues, a exposição apresentará ao público um recorte dos oito anos de parceria da dupla, recebendo oito de suas performances, que acontecerão ao longo de dois meses de exposição



Os ‘vigilantes fazem ginástica laboral, usam sandálias ou descansam durante o expediente

A precarização exposta no milionário mercado das artes

Performance com vigias fictícios mistura humor e crítica e relação à rotina dos seguranças patrimoniais

Levi Fanan/Fundação Bienal de São Paulo



com a presença dos artistas. A expografia divide-se em dois espaços. Num deles, há uma quebra da oposição entre público e privado

em relação à presença desses profissionais na instituição, caracterizada pela montagem de uma sala de descanso, aos moldes das salinhas

onde os seguranças tiram aquele cochilo entre uma ronda e outra. No outro, o espaço expositivo apresenta fotografias e croquis de suas performances em desenhos emoldurados, feitos pela própria dupla, acompanhados dos objetos que fazem parte das interações, como elementos performáticos.

A mostra possui o diferencial de tratar a performance como a principal linguagem artística, fazendo uma relação direta com o corpo do proletariado de base em performances com duração de uma jornada de trabalho real. Oito horas de trabalho. Oito horas de performance. Oito horas de prática. É pelo trabalho do corpo e pelo corpo no trabalho que a exposição toma forma e produz outros elementos, como os desenhos, as fotografias e a instalação e os objetos construídos e utilizados para o trabalho.

Por ter longa duração, o público poderá experienciar diversos momentos do trabalho sendo executado. A ação é, por vezes, simples: andar com chinelos, olhar através de um espelho convexo, usar dentes de ouro, trabalhar remotamente, segurar um sino de mesa, segurar uma cadeira, recepcionar as pessoas com bebidas e comidas em um isopor, ou deixar a sala de descanso aberta para visitação. Assim, as performances tentam evidenciar as relações de trabalho e as performatividades cotidianas realizadas por trabalhadoras e trabalhadores durante suas jornadas.

SERVIÇO

AMADOR E JR SEGURANÇA PATRIMONIAL LTDA, NEM PROFISSIONAL, NEM SÊNIOR
casa França-Brasil (Rua Visconde De Itaboraí, 78 - Centro)
Até 4/8, de terça a domingo (10h às 17h)
Entrada franca